



BAMBUZARIA DA REFORMA AGRÁRIA* *Bamboo Joinery of Land Reform.*

** Utilizamos esse termo bambuzaria, ao invés do mais comum bambuzeria, por ter origem na língua portuguesa e para reforçar um movimento de bambu agroecológico enraizado no Brasil.*

GRUPIONI, Christina M.de F. ¹; BARBOSA, Willer A. ²; GOMES, Carolina R. ³
Organização Cooperativa Agroecológica (OCA), chrisgrupioni@gmail.com; Núcleo de Educação do Campo (ECO/UFV), wbarbosa@ufv.br; Movimento de Trabalhadoras Rurais (MST), carolina.gomes@educacao.mg.gov.br.

Eixo Temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: Implantação de uma estação de tratamento a vapor, de bambus cana-da-índia e de produção de equipamentos-tendas no Assentamento da Reforma Agrária Denis Gonçalves no município de Goianá-MG, para serem utilizados pela Licenciatura em Educação do Campo (LICENA/UFV) como Laboratório de Aprendizagens, pelo 4º Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) e pelo encontro anual Troca de Saberes UFV, entre outros eventos que se sucedem vinculados ao Movimento Agroecológico.

Tornou-se um polo de educação pelo trabalho, de mobilização social e de despertar a criatividade e novas habilidades. Também é um processo de reconexão com a natureza ancestral, com as maravilhas da diversidade e do cuidado estético, além de potencializadores de diálogos e reflexão coletiva sobre moradias sustentáveis, bioconstruções, e consequências sociais e ambientais do uso constante e inadequado de materiais de construção dito convencionais (minério de ferro e calcário, por exemplo).

Palavras-Chave: Bioconstruções, Terreiros Culturais; Bem-viver; Agrobiodiversidade; Justiça Social.

Keywords: Bioconstructions, Cultural Yard, Well-living; Agrobiodiversity; Social Justice.

Contexto

O bambu é uma bondade da Natureza normalmente disponível nos territórios, entretanto por ainda ser pouco explorado, sofre com discriminação e destruição. Tem um enorme potencial para geração de renda e bem-viver, ou seja, alimentação, artesanato, instrumentos musicais, construção civil, equipamentos para eventos, recuperação de áreas degradadas, medicinal, enfim, uma infinidade de usos. A cadeia produtiva do bambu é uma estratégia para conciliar eficácia econômica, responsabilidade social e proteção do patrimônio natural, provendo, ao mesmo tempo, serviços ecossistêmicos para a sociedade. Pode contribuir na regularização ambiental de propriedades adequando-as não somente para atendimento à legislação ambiental, mas também às dimensões econômica, política, cultural, tecnológica e social da sustentabilidade. O trabalho com bambus aflora como um movimento que se utiliza da prática de construção de tendas agroecológicas, que



garantem sustentabilidade e maior autonomia comunitária para produção de eventos. Além disso, o trabalho visa alavancar um potencial processo de arranjo de uma cadeia produtiva e formativa com foco em bambu. Esse design das tendas, inspiradas em arquitetura ancestral e sagrada, se caracteriza por compor instalações artístico-pedagógicas, incluindo a permanente do evento Troca de Saberes/UFV, por nós chamada aldeia de bambu, que acolhe atividades de diálogo, reflexão e festejos do evento.

Criou-se na UFV a categoria de disciplina Projeto em caráter interdepartamental e multidisciplinar, que integram as disciplinas Terreiro Cultural e Troca de Saberes no primeiro e segundo semestres letivos, respectivamente. Essa primeira experiência se deu, em uma parceria com o MST, com o planejamento e execução do I Terreiro Cultural Valmir Pulga 1, em homenagem póstuma a um assentado local. Durante a preparação e realização desse Terreiro Cultural, de agosto a dezembro de 2017, num contexto em que as famílias do assentamento estavam recém-assentadas, já mudando para os lotes e iniciando o planejamento produtivo, e a organização por núcleos territoriais internos ao assentamento, observou-se não apenas a abundância da matéria prima bem como a existência de mestres bambuzeiros naquele assentamento. Concomitantemente, a organização do IV ENA demanda a construção de tendas em bambu para acolher os trabalhos a se realizarem em Belo Horizonte. Assim, se acordou com a instalação da estação de tratamento de bambu por vapor no Assentamento. O processo comunitário deu-se através de mutirões coordenados pela própria comunidade, desde o levantamento dos locais de colheita, da própria colheita, limpeza, cozimento, corte, lixamento, montagem e desmontagem das estruturas, de janeiro a maio de 2018.

Descrição da Experiência

A partir da inserção social promovida durante a disciplina Terreiro Cultural se identificou potencialidades disponíveis no território, aí surge, entre outros, a fartura de bambus. Assim, se iniciou diálogo com a comunidade, visando expor ideias preliminares da cadeia produtiva e possibilidades do bambu, inclusive com exposição de imagens com exemplos concretos de estruturas e belezas do bambu. A coordenação do MST encampou a proposta e deu início à mobilização necessária para as atividades de: visita das pessoas interessadas; escolha de um galpão semi-abandonado localizado na antiga fazenda desapropriada na área social do assentamento; limpeza e adequação do espaço físico, a partir de mutirão; instalação colaborativa de uma estação de tratamento a vapor dos bambus. Paralelamente, foi feita a seleção dos bambuzais a serem manejados na colheita, limpeza, cozimento e cura a vapor dos bambus.

¹Valmir, mais conhecido como Pulga, foi um militante do MST com contribuição na construção de ações interrelacionadas com arte, cultura, plantas de poder e educação dentro do MST e em articulação com outros movimentos sociais de Juiz de Fora. Ações e áreas da reforma agrária em sua maioria levam o nome de militantes e lutadores do povo, pois assim suas trajetórias são contadas de geração a geração.



Foram quatro meses de trabalho intensivo entre montagem da estrutura, que demandou trabalhos de serralheria, carpintaria e construção civil; e montagem das tendas de bambu, que demandou corte, limpeza, lixamento, perfuração, fixação de conexões metálicas com parafusos e espuma expansiva e resinamento das varas, esses dois últimos produtos desenvolvidos à base de mamona. Nesse período também ocorreram mutirões de trabalho com a participação de acadêmicos da UFV, da UFJF, dos IFETs de Rio Pomba e de Muriaé. Além disso, pôde-se receber o apoio dos mestres bambuzeiros Piorra, assentado local, e José Maria Pedro, reconhecido mestre e artista popular do município de Chalé MG.

A Bambuzaria da Reforma Agrária se situou na área central do assentamento, próxima à cozinha comunitária, e se tornou um ponto de encontro comunitário. O ambiente de trabalho construído na Bambuzaria envolvia, arte, momentos de contemplação e imersão no ambiente com atividades de banhos de cachoeira e rodas de conversa. O trabalho como qualidade ontológica do ser humano em seu sentido de transformar a natureza foi vivenciado pelo coletivo. Um envolvimento profundo com o fazer, mas não mercantilizado e alienado, mas antes comprometido com o projeto de pensar a habitação e estruturação em dimensão mais humanizada e solidária. A construção a partir do bambu, tem como princípio o respeito e valorização do humano, mas também do ambiente de forma sustentável. A sobrevivência dos seres vivos exige de nós, outros modos e lógicas de descolonização e bem-viver. No âmbito de ações de caráter individualista houve prevalência do espírito do movimento, gerando novas relações e abertura de visões futuras. Nos dias de trabalho realizou-se rodas de planejamento e avaliação, onde todas as pessoas participantes eram convidadas a co-orientarem o processo.

A viabilização do recurso financeiro para realização do trabalho comunitário contou com o apoio do Projeto Mais Cultura na UFV, na perspectiva de que os equipamentos comporão o Laboratório de Aprendizagens da LICENA/UFV e da Fundação Fiocruz/UFRJ, em apoio ao IV ENA. A logística do apoio técnico contou com coordenação da Organização Cooperativa de Agroecologia, que respondeu pela Responsabilidade Técnica do processo e produtos gerados.

Resultados, ou sonhos possíveis...

O coletivo passou a valorizar e re-pensar seus usos possíveis, bem como identificando com mais qualidade técnica as touceiras e bosques de bambu *phyllostachys aurea*, conhecido na região como cana-da-índia ou bambuí. Inclusive, hoje há conhecimento comunitário do bambu como produto da biodiversidade que tem valor de mercado.

A geração de renda nos lotes é construída cotidianamente pelos camponeses e camponesas, na relação com a terra, na produção de vida e na produção de alimentos sem veneno. Na perspectiva agroecológica, o conhecimento compartilhado das diversas possibilidades de trabalho com bambu como fruto da biodiversidade foi, e ainda está sendo multiplicado com produtos diversos para comercialização, como



por exemplo os brotos de bambu para alimentação, além de alguns experimentos artesanais, instrumentos musicais e de movelaria. Há grande potencial de melhorar e avançar nessa produção.

Um número significativo de pessoas do núcleo da Serra foi envolvido na Bambuzaria, pois considerando que o assentamento tem aproximadamente 5 mil hectares, onde o acesso somente poderia ser feito por meio de uma caminhada de aproximadamente 2 horas, discutiu-se o encaminhado a partir de trabalho coletivo de que a estrada que liga a sede do assentamento à esse núcleo seria melhorada. Foi feito um primeiro trabalho em uma estrada que anteriormente era utilizada para transporte de gado, melhorando o acesso de forma significativa. O que parecia impossível foi iniciado e hoje a prefeitura do município de Goianá está responsável por finalizar o trabalho.

Todo o processo da Bambuzaria foi desenvolvido com participação contundente das mulheres. Mulheres que lutam pela autonomia e empoderamento de si e de outros sujeitos, se juntam e se fortalecem. O protagonismo das mulheres e sua participação em todo trabalho, desde o planejamento até a colheita e processamento das varas de bambus, foi importante e significativo.

Outro aspecto relevante foram os debates em prol da criação de uma Escola Técnica em Agroecologia, com foco nos trabalhos com o bambu, em parceria com a escola estadual, que já funciona no assentamento. Este processo se encontra em fase de elaboração do projeto político pedagógico, em função da necessidade de aprofundamento teórico e prático na construção com bambu. A formação foi idealizada envolvendo como um todo, por meio de recuperação ambiental e produção das próprias varas de bambu na construção com desenhos e estruturas de conexão, sendo esta última um desafio constante. Essa formação tem grande potencial de avanço e produção de conhecimento uma vez que a vivência dos trabalhadores em condições adversas potencializa como sujeitos criativos e com grande capacidade cognitiva de construir outras soluções no aproveitamento de materiais diversos.

A recuperação do patrimônio arquitetônico do assentamento foi estimada em um valor extremamente alto, o que coloca para a comunidade do assentamento o grande desafio de recuperar e cuidar dessas estruturas. Ao ceder o telhado do galpão onde funcionava a estação de tratamento do bambu, o grupo em mutirão retirou as telhas que faltavam para aliviar o peso sobre o telhado. Além disso, observou-se a necessidade de uma intervenção para melhorar a estrutura, tanto no telhado, como na base do espaço.

Durante os processos foi levantado por vezes a necessidade de plantar mudas de bambu para ampliar a reserva para comercialização ou mesmo para produção de geodésicas.



Com o envolvimento de centena de pessoas foram processados 2000 m (de bambu, tratados a vapor. Foram construídas: 7 tendas: 1 yurt (tenda mongol) com 10 metros de diâmetro; 1 domo frequência 1 com 7 metros; 2 domos frequência 2 com 8 metros; 3 domos frequência 3 com 10 metros; e, 1 domo frequência 6 com 15 metros de diâmetro. Essas tendas montadas, apenas, nos eventos III ENA e X Troca de Saberes possibilitou acolhimento a mais de 10.000 pessoas.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao ECOA – Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da UFV; à Chamada MCTI/MAPA/SEAD/MEC/CNPq nº 21/2016, Mais Cultura na UFV, Licena, Licenciatura e Educação do Campo, Fundação FioCruz, OCA, Organização Cooperativa Agroecológica e MST, Movimento Sem Terra.